

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Curso de Especialização em Temas Filosóficos**

**Departamento de Filosofia – FAFICH**

**MARIA APARECIDA FONSECA DO AMARAL**

**Riso: uma essência desnatura(liza)da?**

**Wittgenstein e Henri Bergson - um encontro na  
pragmática**

Belo Horizonte

Junho de 2011

**MARIA APARECIDA FONSECA DO AMARAL**

**Riso: uma essência desnatura(liza)da?**

**Wittgenstein e Henri Bergson - um encontro na pragmática**

Trabalho apresentado ao Prof. e Orientador Rogério Lopes como critério de conclusão do Curso de Especialização em Temas Filosóficos.

Belo Horizonte

Junho de 2011

100 Amaral, Maria Aparecida Fonseca do  
A485r Riso [manuscrito] : uma essência desnatura(liza)da? : Wittgenstein e  
2011 Henri Bergson – um encontro na pragmática / Maria Aparecida Fonseca do  
Amaral. - 2011.

18 f.

Orientador :Rogério Antônio Lopes

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Temas Filosóficos da  
Universidade Federal de Minas Gerais.

1.Filosofia. 2. Linguagem - Linguagem.3. Certeza 4. Riso I. Lopes, Rogério  
Antônio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas. III. Título

*O riso nasce assim como uma espuma. Ele assinala, no exterior da vida social, as revoltas da superfície. Ele desenha instantaneamente a forma movente desses abalos. É também uma espuma salgada. Como espuma salgada, ele crepita. É a alegria. O filósofo que a toma nas mãos para sentir-lhe o gosto há de encontrar por vezes, numa pitada de matéria, certa dose de amargor. (Bergson, 1980)*

*Você deve ter atenção que o jogo de linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não se baseia em fundamentos. Não é razoável (ou irrazoável). Está aí – tal como a nossa vida. (SC 559)*

*Agradeço ao Prof. Rogério Lopes a gentileza e atenção na leitura desse estudo e a Mauro Condé a inspiração para escrevê-lo.*

## **Sumário**

Introdução	6
1. Witz: fora-de-sentido em solo áspero?	8
2. O que a certeza tem a ver com o riso?	10
2.1 Riso: a essência desnaturalizada no vacilo da certeza	13
2.2 Riso: a essência desnaturada no vacilo do sensível	15
3. Concluindo: há moral na estória?	17
4. Referências bibliográficas	18

## Resumo

Neste estudo, parto de uma reflexão sobre *o sentido* buscando encontrar na pragmática uma aproximação entre Wittgenstein e Henri Bergson. Minha intenção é fazer dialogar a filosofia da linguagem, em especial o escrito *Sobre a certeza* de Wittgenstein, com a teoria do riso de Bergson tendo os *cartuns* como inspiração. O traçado desse percurso se fez através da leitura de *Sobre a certeza* e especialmente do caráter rígido e de automatismo do humano que acaba por levar ao riso, conforme apontado por Bergson em *O Riso* – sempre desnaturado tal qual o concebe Bergson e desnaturalizado (fora da certeza) como o concebe o segundo Wittgenstein.

## Introdução

Estudos sobre a temática do humor, nas mais diferentes perspectivas, recorrem a duas obras obrigatórias: *O Riso* escrita em 1900 por Henri Bergson e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* escrita por Sigmund Freud em 1905.

Na introdução de sua obra Freud aponta a insistente vinculação dos estudos sobre o chiste<sup>1</sup> ao cômico; seu texto, contudo, caminha em outra direção. A que mais me provoca é a afirmação de Freud de que há algo de uma saciedade no riso, o que pode ser observado no sorriso da criança desde o seio materno, quando esta, satisfeita e saciada, abandona o seio e cai adormecida. Freud diz ser o sorriso uma expressão que *corresponde à decisão de não mais se alimentar e representa algo como 'é suficiente' ou até um 'é mais que suficiente'* (Freud, 1969, p. 170). De fato este é um terreno fértil para se pensar sobre o riso e sua relação com o gozo e a gozação.

É difícil abandonar a leitura dos escritos de Freud sobre o chiste, entretanto, já que crescidos, teremos aqui que nos saciar apenas com a marcação de ser, a relação da produção do chiste e o inconsciente, esse campo fértil para a psicanálise e para a filosofia da linguagem no que diz respeito à passagem da natureza à cultura, com importantes encontros em suas gramáticas<sup>2</sup>.

Aliás, desses encontros temos no *Witz* uma instigante inspiração, podendo, inclusive, nos valer aqui do prefácio dos escritos de Freud sobre *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Neste prefácio, o editor discorre sobre a dificuldade de traduzir o termo *Witz*, uma vez que por *estranha fatalidade* os termos alemães e ingleses se apresentam amplos ou estreitos demais. Em inglês, *Wit* ou *Witty* têm um sentido restrito aplicando-se a chistes mais intelectualizados, enquanto *Witz*, do alemão, possui uma conotação mais ampla. (Freud, 1969, p. 17)

Essa dificuldade impõe algumas escolhas. A primeira delas é de que tomarei o termo *Witz* como finalização de um sentido em uma gramática. Não como sentido que desvela uma verdade ou a adéqua; mas sim como o próprio sentido que traz, de forma instantânea (como um relâmpago), o fora-de-sentido em si, dando a ver a essência inerente à gramática. Opto, portanto, em trabalhar com o riso que advém de uma tirada

---

<sup>1</sup> Tradução adotada para *Witz*.

<sup>2</sup> Chamar à conversa o escrito de Freud sobre os chistes e ensaios sobre humor e psicanálise poderia favorecer muito o estudo em questão, pois possibilitaria refletir sobre a aproximação das gramáticas. Entretanto, não posso pretender tanto neste estudo.

bem humorada<sup>3</sup>, sem as diferenciações conceituais entre cômico, humor, chiste, ironia dentre outros conceitos que embora férteis à reflexão, não teriam grande importância nesta que faço aqui.

Uma segunda escolha leva-me a eleger o *cartum* como epígrafe<sup>4</sup> para guardá-lo a suspensão (do texto) que a graça exige, entendendo que a *estranha fatalidade*, sabiamente, protege o humor de que, incautos, incorramos na *des-graça* de traduzir uma piada ou *cartum* matando o riso.

Feitas essas demarcações posso, enfim, dizer que minha intenção é fazer dialogar a filosofia da linguagem, em especial o escrito de Wittgenstein sobre a certeza, com a teoria do riso de Bergson tendo os *cartuns* como inspiração.

Embora perceba a existência de um campo fértil para a discussão filosófica sobre o *conhecimento* na reflexão que Wittgenstein propõe em *Sobre a Certeza*; apenas tangenciarei a questão ao perguntar-me, nesse estudo, pela essência posta na gramática e se ela tem alguma relação com o riso. Parto de uma reflexão sobre o sentido tal qual o concebe Bergson e como o concebe o segundo Wittgenstein para encontrar na pragmática uma aproximação entre eles.

Em seguida, percorro alguns pontos que possam nortear a reflexão sobre a relação entre a certeza e o riso. O traçado desse percurso se fez através da leitura de *Sobre a certeza* e especialmente do caráter rígido e de automatismo do humano que acaba por levar ao riso, conforme apontado por Bergson.

Por fim, busco dar visibilidade ao ponto chave desse estudo, a relação entre a certeza e o riso, retomando questões que lhe são caras como temporalidade e moralidade.

## 1. Witz: fora-de-sentido em solo áspero?

---

<sup>3</sup> Essa marcação é importante por entender não haver simetria entre humor e riso. Ri-se por achar graça, mas também ri-se de nervoso e ri-se de vergonha. O riso diz de uma posição ocupada por um sujeito, seus sistemas de referências e da sua forma de vida. Em todas as suas formas, o riso tem sempre seu lado sério e trágico ao ‘tocar’ em processos de subjetivação.

<sup>4</sup> As tirinhas ou cartuns foram desenhados, a meu pedido, por Rômulo Garcias, os outros (charges) são de autoria de Henfil.



Pode-se dizer que há mesmo algo de mísero no humano em sua busca pela essência. Ao buscar um sentido que transcende o que encontra é um deus que se inclina para o humano: teme o ridículo.

O *cartum* que me serve de epígrafe foi usado por mim como conector em meu texto quando da seleção para o curso de especialização em temas filosóficos. Retomo-o aqui para pensar a pertinência do *sentido* em Henri Bergson e Wittgenstein e o encontro destes que se dá na pragmática.

Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês com vasta obra, cujos livros mais conhecidos são, além de *O Riso*, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), *Matéria e Memória* (1896) e *A evolução criadora* (1907).

O autor de *O riso* diz que a função dos sentidos nos organismos vivos tem sido *não de fornecer ao organismo “representações” de seu ambiente*, mas estimular reações de caráter preservador da vida. Daí ser ele um defensor do valor da intuição como insight que funciona como impulso de vida à criação. Sua obra *O Riso* bem o atesta.

Para Bergson o que nossos sentidos nos fornecem

não são pinturas objetivas do nosso ambiente, mas mensagens que nos levam a nos comportar de determinada maneira. Nossa concepção de nosso ambiente não é nada parecida com um conjunto de fotografias detalhadas: ela é altamente seletiva, sempre pragmática, e sempre a serviço de si mesma. Damos atenção quase exclusiva àquilo que importa para nós, e a concepção que formamos de nosso ambiente se constrói em termos de nossos interesses, sendo o mais premente deles nossa própria segurança. (Magee, 2001)

O outro autor é Ludwig Josef Johann Wittgenstein (1889-1951) - vienense, cuja obra, embora não desenvolva, aponta no sentido de suas inquietações existenciais, religiosas e éticas. Suas obras mais conhecidas são o *Tractatus Lógico-Philosophicus* ou primeiro Wittgenstein, *As Investigações Filosóficas* ou segundo Wittgenstein e *Sobre a*

*Certeza*, obra publicada postumamente, na qual o autor explora o significado da dúvida e da certeza e sua inserção nos jogos de linguagem.

No segundo Wittgenstein, a produção de sentido é fora da linguagem, do dito. Ela está na intersubjetividade, no jogo que se joga. Há aí uma imprevisibilidade própria ao jogo, sendo que seu limite não está na linguagem, está na pragmática, no seu uso.

Ao ler *O Riso* de Bergson e *Sobre a Certeza* de Wittgenstein entende-se de que trata Prado Jr. em entrevista especial para a Folha de São Paulo ( 25/06/2000) ao dizer:

Pretendo escrever um ensaio que teria por título "Imagens Bergsonianas e Imagens Wittgensteinianas". Bergson utiliza metáforas e imagens de forma racionalista e crítica. Joga umas contra as outras para efetuar uma espécie de catarse do entendimento, que é muito parecida com a análise conceptual. Julgo que Bergson e Wittgenstein têm a mesma estratégia no que tange ao uso das metáforas e das imagens, a mesma concepção acerca dos limites da filosofia e da necessidade de dissolução dos falsos problemas filosóficos. (Prado Jr., 2000)

Há entre Bergson e Wittgenstein essa aproximação pela pragmática, uma filosofia ancorada num sentido não representacional. Se em Bergson a pragmática exige de nós que sejamos criadores, assim como a natureza, que cria seres e formas incessantemente, sendo continuamente impelidos pelo impulso de vida à criação de nosso próprio caráter, de sociedades inteiras, com seus valores e princípios; em Wittgenstein a pragmática é o solo áspero em que acontecem os jogos de linguagem, cujo sentido se constrói no uso intersubjetivo com que se joga os significados que são, pelo uso, adquiridos.

Em sua própria época, Bergson teve alguns críticos eminentes entre seus contemporâneos, como Bertrand Russell<sup>5</sup>. A principal queixa deles era que Bergson, embora tornasse suas idéias atraentes com vívidas analogias e metáforas poéticas, não as sustentava muito com argumentos racionais. Confiava-os à intuição dos leitores. Além disso, queixavam-se seus críticos, suas idéias não resistiam muito bem à análise lógica. Seus defensores replicavam dizendo que ele possuía todas essas características em comum com os mais criativos escritores, e assim era porque estava oferecendo *insights*, mais do que argumentos lógicos. ( Magee, 2001)

No segundo Wittgenstein a ausência de uma lógica transcendental é o divisor, em águas pacíficas<sup>6</sup>, que acaba por separá-lo definitivamente de Bertrand Russell. Em 1929 por ocasião da defesa de sua tese de doutoramento, o *Tractatus*, B. Russell e G. E.

---

<sup>5</sup> Bertrand Arthur William Russell (1872-1970): considerado um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX.

<sup>6</sup> Wittgenstein, após defesa de sua tese, retorna a Cambridge onde dita a seus alunos os *Cadernos Azul e Marrom*, que servirão de base para sua obra *Investigações Filosóficas*, num corte radical entre o espaço lógico-transcendental das significações denotativas (representacional) presente no primeiro Wittgenstein e a lógica posta na gramática (significação como efeito de uso) do segundo Wittgenstein.

Moore<sup>7</sup> foram seus examinadores. Ora, se esses filósofos, juntamente com Frege e outros, inauguraram a filosofia analítica em seu sentido mais amplo; em sentido mais restrito, o segundo Wittgenstein influencia a filosofia analítica de maneira inequívoca ao “tratar” da linguagem.

O próprio B. Russel dirá ironicamente que se Wittgenstein com suas *Investigações* estiver correto, a filosofia será simplesmente uma conversa para a hora do chá. (Condé, 1998 p. 34)

Ao que Condé interpela dizendo *não ser nada mal tendo em vista o valor da ‘hora do chá’ para os ingleses.*

Entendo, pois, que o que B. Russel recusa é o sentido não representacional tanto em Bergson, quanto em Wittgenstein.

Se no *Tractatus* encontramos um espaço lógico como lócus para condição da representação do mundo pela linguagem, no segundo Wittgenstein, a gramática profunda constitui a própria lógica, ela é a lógica. Ela é que nos diz o que é lógico, ou seja, o que tem sentido e o que não tem. *Aquilo que conta como prova adequada de uma afirmação é do domínio da lógica. Pertence à descrição do jogo de linguagem.* (SC 82).

Diz Wittgenstein em *Investigações Filosóficas*:

Quanto mais exatamente consideramos a linguagem de fato, maior torna-se o conflito entre ela e nossas exigências. (A pureza cristalina da lógica não se entregou a mim, mas foi uma exigência.) o conflito torna-se insuportável; a exigência ameaça tornar-se algo vazio. – Caímos numa superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais, mas onde por esta mesma razão não podemos mais caminhar; necessitamos então de *atrito*. Retornemos ao solo áspero!(IF 107)

De acordo com minha leitura de Bergson e Wittgenstein, é sobre o solo áspero que o riso é provocado, na medida em que produz outros sentidos, desestabilizando a certeza necessária aos jogos de linguagem, suspeitando das regularidades da gramática. Entendo, pois, o Witz como fora-de-sentido produzido em solo áspero.

## 2. O que a certeza tem a ver com o riso?

---

<sup>7</sup>É de especial interesse apontar que *Sobre a Certeza* é escrito em interlocução com a pretensão de Moore (1873-1958) de saber um certo número de proposições indiscutíveis apresentadas em suas obras *Comprovação do mundo exterior e Em defesa do senso comum*.



Pergunta Wittgenstein: *Quererei eu, pois, dizer que a certeza reside na natureza do jogo de linguagem?* (SC 457). Devemos dizer que sim, o que pode ser atestado inúmeras vezes nos escritos de Wittgenstein sobre a certeza.

O autor considera a certeza como inerente a diferentes gramáticas e como constitutiva dos sistemas de referência<sup>8</sup>. Concebe-a como *algo situado além de ser justificado ou injustificado; portanto como uma coisa animal* (SC 359).

Bergson, ao considerar a comicidade, diz: *não há comicidade fora do que é humano*. (Bergson, 1980, p. 12) para acrescentar algumas linhas abaixo: *o homem é um animal que ri*.

É nesse *justificado ou injustificado* que podemos situar o riso. Ao falar da certeza como coisa animal, Wittgenstein aponta o caráter naturalizado pertinente a *ausência da dúvida* essencial aos jogos de linguagem, posto que esses requeiram o uso *necessariamente* impensado sobre o significado das palavras usadas em uma frase. Sempre intersubjetivo, posto que é jogo, a pergunta *“como é que eu sei...”* empata o *jogo de linguagem ou mesmo acaba com ele*.(SC 370)

*O nosso saber forma um sistema enorme. E só no interior deste sistema é que o singular tem o valor que lhe damos.* (SC 410)

E ainda:

*Pretendo dizer: não é que, em certos pontos, os homens saibam a verdade com certeza perfeita. Não, a certeza perfeita é só questão da sua atitude.* (SC 404).

É claro que isso é campo aberto para o riso. Há mesmo, no riso, algo de coletivo e não apenas pessoal, como muito bem mostra Bergson com sua tirada espirituosa sobre

<sup>8</sup> Esclarece Condé: *Em Sobre a Certeza, essa concepção de que a gramática e os jogos de linguagem constituem um tipo de sistema holista e não totalizante está amplamente presente. Ali, diversas são as explicações de Wittgenstein sobre o que ele compreende por conhecimento, lógica e julgamento enquanto formando um “sistema”. (...) para o autor de sobre a certeza, todos os nossos critérios de julgamento nascem nesse “sistema” que compreende simultaneamente a gramática, os usos, os jogos de linguagem, etc.* (Condé, 2004, p. 157)

pertencer ou não a determinada *paróquia*<sup>9</sup>. O significado é público em uma gramática posto que conferido pelo seu uso. Temos aqui o panorâmico da gramática aliado ao singular de uma forma de vida. É nesse ponto que me interessa focar a questão da certeza e sua relação com o riso.

A noção de forma de vida é aqui de grande relevância, pois se não existe o sentido verdadeiro enquanto um *a priori* e a significação é constituída pela e na pragmática, ou seja, a significação é dada pelo uso; o que pode apontar o *acerto ou não* de determinada proposição é a forma de vida que a pratica.

A ocorrência da expressão *forma de vida* está relacionada ao comportamento de *dúvida e de não dúvida, só há o primeiro se houver o segundo* (SC 354). O que é aceito como correto ou não pela gramática não diz respeito às regras de uso simplesmente. Trata-se de considerar o que é dado a uma forma de vida entender como correto ou não, pois *a verdade de certas proposições empíricas pertence ao nosso quadro de referências*. (SC 83).

Podemos complementar que o riso atesta, comprova a compreensão do que o jogo de linguagem veicula ou segundo o dito de Wittgenstein: *a verdade das minhas afirmações é a prova da minha compreensão dessas afirmações*. (SC 80) ou traduzido pelo senso comum: *quem ri por último é bobo*, não alcançou o sentido do dito que apresenta uma verdade outra, quando fora do sentido que era jogado naquele sistema de referência.

Nós todos podemos atestar situações em que o jogo de linguagem, para produzir riso, subverte algo da certeza tecida pela experiência ou conhecimento adquirido, ambas naturalizadas em nossos sistemas de referência.

O Cartum que uso como epígrafe, neste tópico, atualiza um jogo de linguagem vivido com o cineasta dos vencidos, Silvio Tendler. A experiência de já ter ido ao cinema é suficiente para provocar riso com o dito espirituoso que subverte intersubjetivamente a verdade moral conhecida sobre as vantagens de sermos os últimos. A lógica está posta na gramática de cineasta dos vencidos.

A interferência de dois sistemas de idéias na mesma frase é fonte inesgotável de efeitos engraçados. Há muitos meios de obter interferência, isto é, de dar à mesma frase duas significações independentes e que se superpõem. (...) o jogo de

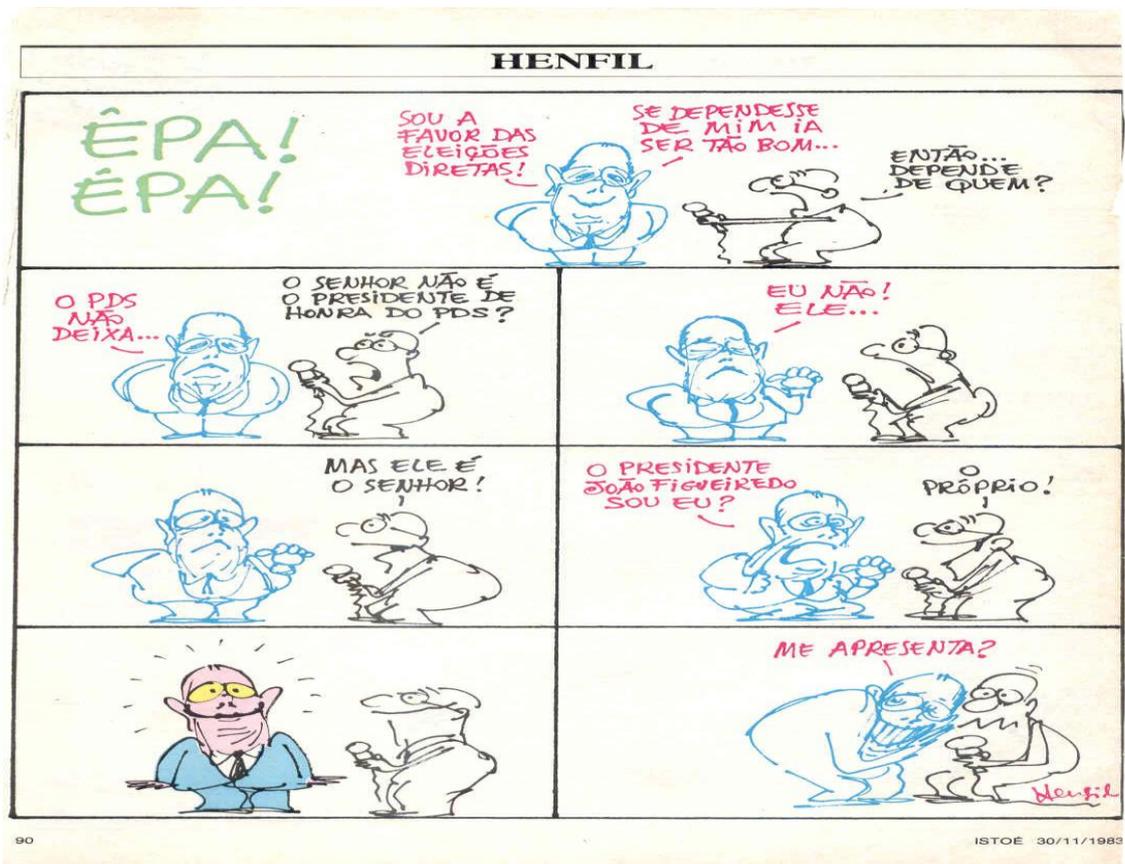
---

<sup>9</sup> *Alguém a quem se perguntou por que não chorava ao ouvir uma prédica que a todos fazia derramar lágrimas: respondeu: 'não sou da paróquia'*. (Bergson, 1980, p. 13). O nosso riso é sempre um riso de um grupo. Intraduzíveis de uma língua a outra, o Witz que provoca o riso é relativo ao costume e às idéias de certa sociedade. E quanto maior a audiência maior o riso.

palavras trai portanto um *desvio* momentâneo da linguagem e por isso, de resto, é que se torna engraçado. (Bergson, 1980, p. 64)

Verifica-se que há tessitura, pois ao acabar um sentido: a verdade de uma regra moral construída socialmente para acalmar os vencidos - instantaneamente instaura outro: o desconforto de ficar sentado na primeira fileira de cadeiras numa sala de cinema, embora sentar na primeira fileira seja tido como “sempre” bom. Valor e sentido estão na natureza dos jogos de linguagem e através do Witz convergem para gerar um todo do sentido. Eis aqui um *fora do sentido* que ao ser encadeado gera surpresa e riso.

## 2.1 Riso: a essência desnaturalizada no vacilo da certeza



Temos aí uma das essências do riso. Lançar dúvida sobre o próprio nome é uma das questões mais investigadas por Wittgenstein em *Sobre a certeza*, assim como por Henfil nesse cartum, desvelando sistemas de referência e forma de vida do general.

Poderíamos afirmar ainda que o cartum revela também a rigidez e automatismo de caráter denunciada por Henfil. Ou no dizer de Bergson: *É disso que riem. Rigidez mecânica onde deveria haver maleabilidade atenta e a flexibilidade viva de uma pessoa.* (Bergson, 1980, p. 15).

Vivemos e insistimos num sistema representacional que é um sistema fechado, embora saibamos que há um corte entre a palavra e a coisa, não havendo entre elas uma relação natural. Bergson situa o riso como decorrente do rompimento de encadeamento lógico, criando um encadeamento absurdo e que, sob a perspectiva do encadeamento anterior gera graça.

A des-naturalização de uma idéia num sistema de referência é possibilitada por ser esse sistema aberto e que se abala ao revelar-se culturalmente articulado através dos jogos de linguagem.

*Na raiz de uma convicção bem fundamentada encontra-se uma convicção não fundamentada.* (SC 254). O humor está muitas vezes no disparate de alguém que faz objeções a proposições indubitáveis: *isto é o mesmo que mostrar que não tem sentido dizer que um jogo foi sempre jogado de maneira errada.* (SC 496)

*Assim, nossas “certezas” são dadas pela gramática e pelos fragmentados, circunstanciais e abertos jogos de linguagem.* (Condé, 2004, p.29). Pode-se afirmar com Wittgenstein que a lógica não pode ser descrita, posto que: *um jogo de linguagem só é possível se confiarmos nalguma coisa (não disse “podemos confiar nalguma coisa”)* (SC 509).

Diz Wittgenstein: *uma pessoa duvida com fundamentos específicos. A questão é essa: como é que a dúvida se introduz no jogo de linguagem?* (SC 458)

A experiência e o conhecimento adquirido compõem nossas proposições, não sendo estas ensinadas isoladamente; *pelo contrário, ensinou-nos um conjunto de proposições interdependentes. Se estivessem isoladas, poderia ser que duvidasse delas, pois não tenho experiência a esse respeito.* (SC 274).

*Poderia imaginar-se que algumas proposições, com a forma de proposições empíricas, se tornavam rígidas e funcionavam como canais para as proposições empíricas que não endureciam e eram fluidas, e que esta relação se alterava com o tempo, de modo que as proposições fluidas se tornavam rígidas e vice-versa.* (SC 96)

E mais:

*...a mesma proposição pode ser tratada uma vez como coisa a verificar pela experiência e outra como regra de verificação.* (SC 98).

Questão cara a esta exposição é a de que precisamos de razões para duvidar de algo. E podemos considerar que muitos intervalos entre o dito e o riso nos digam da suspensão da rigidez do jogo de linguagem e um determinado sistema de referência que se quebra no que se joga com a certeza lançando razão para dúvidas. Os sistemas de

referência numa forma de vida articulam-se por um saber ou crença aprendidos como certos ou apreendidos pela experiência.

*“Estamos muito certos disso” não significa que toda e qualquer pessoa esteja certa disso, mas que pertencemos a uma comunidade que está ligada pela ciência e pela educação. (SC 298)*

Esses sistemas se abalam através do humor gerado ou pelo nonsense ou pela quebra da lógica do hábito. Isso porque como nos diz Wittgenstein: *não aprendemos a prática de formular juízos empíricos através da aprendizagem de regras: ensinam-nos juízos e a sua ligação a outros juízos.*(SC 140).

Aprendemos, desde criança, seja por aprendermos pela experiência ou por um ensinamento, a acreditar em muitas coisas, e aos poucos se forma um sistema criando convicções *inabalavelmente firmes. Aquilo que permanece firme não é assim por ser intrinsecamente óbvio ou convincente; antes aquilo que o rodeia é o que lhe dá consistência.* (SC 144)

*As perguntas que formulamos e as nossas dúvidas dependem do fato de certas proposições estarem isentas de dúvida [e] serem como que dobradiças em volta das quais as dúvidas giram* (SC 341). É como se insistíssemos em *crer* numa relação representacional, uma vez que há estruturas cristalizadas.

É essa crença numa relação sempre representacional que faz-nos rir por ser desmontada num instantâneo. Ou seja, o efeito risível surge do fato de ignorarmos, suspendermos ou nos surpreendermos com o juízo sobre crenças que comumente não se deixam abalar por serem articuladoras do jogo de linguagem.

É o caso do riso pela insistência de padrões de comportamento que tornam visível a não-apreensão nos jogos de linguagem quando se insiste no significado das palavras, da existência das coisas: *seria como se alguém procurasse um objeto num quarto; abre uma gaveta e não o vê ali; depois fecha-a, espera e abre-a mais uma vez para ver se por acaso não está lá agora, e continua assim. Não aprendeu a procurar coisas. E, do mesmo modo, o aluno não aprendeu como fazer perguntas. Não aprendeu o jogo que queremos lhe ensinar.* (SC 315)

Há respostas demais para perguntas de menos. É nisso que a dúvida toca provocando o riso.

## **2.2. Riso: a essência desnaturada no vacilo do sensível**



O que a charge desvela é o absurdo de alguém “dedurar”, clamando correção para aquele que esteja comendo os próprios dentes; para que em seguida, o sentido dado pela imagem se apresente: a fome no nordeste. Uma denúncia de 1983 (datada?) do cartunista/chargista Henfil.

Diz Wittgenstein: que a razão *do uso da expressão “verdadeiro ou falso” é um tanto enganadora é que equivale a dizer “ajustar-se aos fatos ou não” e o que verdadeiramente está em questão é o que significa “ajustar-se”*. (SC 65)

Os raciocínios de que rimos são os que sabemos falsos, mas que poderíamos tomar por verdadeiro se os ouvíssemos em sonho. É fácil de ver, com efeito, que todo *jogo de sentido* poderá nos divertir, desde que nos lembre, de perto ou de longe, os jogos do sonho, complementa Bergson em *O Riso*. Henfil usa essa habilidade enganosa para ajustar realidades, como vemos no cartum da epígrafe.

Insensibilidade aliada à inteligência. Bergson inscreve-as juntas em um só parágrafo: *o cômico surgirá quando homens reunidos em grupo dirijam sua atenção a um deles, calando a sensibilidade e exercendo tão só a inteligência*. Isso significa dizer que o riso é des-naturado. Há uma insensibilidade que naturalmente acompanha o riso, posto que o maior inimigo do riso é a emoção:

Talvez não mais se chorasse numa sociedade em que só houvesse puras inteligências, mas provavelmente se risse; por outro lado, almas invariavelmente sensíveis, afinadas em unísono com a vida, numa sociedade onde tudo se estendesse em ressonância afetiva, nem conheceriam nem compreenderiam o riso. (...) expandindo-se ao máximo a solidariedade verá, como por um passe de mágica, os objetos adquirirem peso, e tudo o mais assumir uma coloração austera. Agora imagine-se afastado, assistindo à vida como espectador neutro: muitos dramas se converterão em comédia. (...) O cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. (Bergson, 1980, p.12)

Há um desvio que se apresenta como tendência natural do riso como em desviantes como Dom Quixote: *corredores do ideal que tropeçam em realidades, sonhadores cândidos que a vida maliciosamente espreita*. (Bergson, 1978, p. 16).

O riso castiga os costumes e obriga-nos a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, na esperança de não ficarmos sob uma lógica da qual nada se pode

saber. Aceita-se um convite à indolência, *durante um momento pelo menos, entramos no brinquedo. Isso repousa da fadiga de viver* (Bergson, 1980, p. 99).

### 3. Concluindo: há moral na estória?

Com Wittgenstein afirmamos: *Há temporalidade nessas questões, aquilo que os homens consideram razoável ou irrazoável altera-se. Em certos períodos, os homens acham razoável aquilo que, noutros períodos, acharam irrazoável e vice versa.* (SC 336). E esse trágico movimento pode ser levado a sério na denúncia que faz rir.

A moralidade do riso está intrinsecamente ligada à sua temporalidade. Entretanto, não se trata apenas de uma moralidade de adequação, mas de subversão, uma vez que há no Witz um sentido que toca uma outra temporalidade.

O chargista Miguel Paiva diz que vê a si mesmo um pouco como justiceiro:

Faz parte do ego do humorista e do chargista essa vontade de consertar o mundo. É coisa meio moralista mesmo. É claro que há o lado bom de consertar o mundo, mesmo se exagerando um pouco, pois é o cara que está vendo alguma coisa e quer que os outros vejam (Paiva *citado por* Machado, 2000)

O riso parece mesmo precisar de eco. Não um eco que busque o infinito mas, por visar um determinado grupo, o riso gira em torno de uma gramática que é própria àquele grupo ou àquela forma de vida.

O poder de retificação do *desvio* está naquilo que o riso informa sobre o processo de trabalho da imaginação humana, e mais particularmente sobre a imaginação social, coletiva, popular. Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados.

A filosofia da linguagem nos levou a pensar o riso expresso pela subversão do sentido, o que implica tocar algo de sua essência que está na gramática. Entendo que a *certeza, natural* aos jogos de linguagem, está também expressa na concepção de *rigidez* e *automatismo* que Bergson toma como chave para falar do que, no cômico, provoca o riso.

A reflexão de Wittgenstein sobre a certeza, posta nos jogos de linguagem, é que possibilita afirmar sobre o vacilo que a dúvida instaura e des-naturaliza o sentido. O riso acontece na surpresa dos jogos de linguagem ao tocar a natureza da gramática profunda - ao tocar sua essência, que nos é transmitida pela experiência ou conhecimento adquirido e que requer, ao jogarmos, alheamento das regras. Há uma violação de um saber ou crença para que o riso se produza.

De forma mais aproximada de Bergson, discorreremos sobre o vacilo do sensível para abordar a necessidade que tem o riso de abdicar dos sentidos para vermos as coisas de forma des-naturada.

Seja pelo seu caráter desnaturalizado ou desnaturado, o vacilo produz imprevisibilidade e subversão do sentido. No uso, o Witz toca, transgredir, subverte o que não pode ser dito; desnaturaliza os jogos de linguagem através de um desnaturado que *pode perder o amigo, mas não perde a piada*.

O humor pode trazer em si a pretensão de provocar mudanças sociais ao fazer tropeçar o real no ideal e vice-versa, tornando-o risível; e de forma paradoxal, ser um gesto social que busca a conservação e segurança reprimindo os desviantes e os desvios.

O humor permite ao sujeito que se resguarde da censura, gozando da miséria alheia e por conseqüência, da sua própria. Finda, assim, com a ilusão de que sentido e sujeito se completem. Não há essência, o sentido está na intersubjetividade própria ao jogo.

#### **4. Referências Bibliográficas**

BERGSON, Henry. **O Riso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CONDÉ, M. L. L., **Wittgenstein Linguagem e Mundo**. São Paulo: Annablume, 1998. v. 1. 144 p.

\_\_\_\_\_. **As teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2004. .

FREUD, S.. **Os Chistes e sua relação com o inconsciente**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1969.

HENFIL. H. S. Filho. **Cartuns publicados pela Revista Isto é**. Coletânea referente a janeiro de 1983 a outubro de 1984. (arquivo pessoal)

MACHADO, R. S. **O funcionamento discursivo das charges políticas**. Dissertação (Mestrado em Curso de Mestrado Em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, 2000.

MAGEE, Bryan. **História da filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção "Os Pensadores".

\_\_\_\_\_. **Über Gewissheit / Da Certeza**. Edição bilíngüe, Edições 70, 1990.